

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Patricia de Almeida Machado

**O legado cultural da imperatriz Teresa Cristina
no Brasil**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Patricia de Almeida Machado

**O legado cultural da imperatriz Teresa Cristina
no Brasil**

Mestrado em Património Cultural

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Lopes Cordeiro

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta pesquisa, foi necessário um conjunto de contribuições de pessoas de diferentes níveis, pessoas que me auxiliaram tanto na parte cultural, quanto emocional. Por isso, precisamos sempre dessas pessoas por perto nos momentos mais importantes de nossas vidas, como na criação de um projeto como este.

Agradeço primeiramente à Deus que me deu esta oportunidade e força.

Meus pais que foram os principais responsáveis por toda a minha educação e incentivo, e aos demais familiares que tanto me apoiaram nesta trajetória mesmo estando tão distante.

Ao meu orientador Professor Dr. José Lopes Cordeiro, que teve a enorme paciência e disponibilidade em me ajudar sempre que precisei.

Aos meus amigos que sempre presente, me deram força a cada dificuldade que eu encontrava.

Se assim não fosse, eu com muita certeza não teria seguido em frente, e esta pesquisa não teria chegado ao fim, que por sinal, já não sou a mesma após os livros que li, após a longa estrada que segui até aqui.

Agradeço pela oportunidade de poder ter em mãos, disponível até certo ponto, a história vivida e deixada pela última imperatriz que o Brasil teve, mesmo com a inexistência de uma bibliografia vasta.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

O legado cultural da imperatriz Teresa Cristina no Brasil

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo valorizar a pessoa da imperatriz como um patrimônio cultural, trazendo de volta à memória do povo brasileiro, tudo que ela fez para disseminar a cultura no Brasil.

Fazer com que o patrimônio cultural seja cada vez mais difundido, irá colaborar para que o turismo cresça juntamente com a cultura e colabore de uma forma ímpar para toda a humanidade. Deste modo, expor a história de Teresa Cristina, nos leva a aplicar estratégias, que proporcionem uma valorização da história existente no acervo pertencente a ela em vida, deixado para pesquisa na Biblioteca Nacional – RJ, no Museu Imperial de Petrópolis - RJ, bem como na memória dos que buscam na história, os rastros daquele período.

Ao longo da pesquisa, o retrato da vida da imperatriz foi exposto de um modo bem simples, porém, muito envolvente, onde ela insistia em usar cada oportunidade para a disseminação da cultura. Ela tanto envolvia o seu povo italiano, quanto a sua nova terra brasileira, mostrando que, em se tratando de cultura, era grande o seu interesse em poder levar ao alcance de todos, o que ela tinha acesso, desde cedo por natureza.

Vinda de uma família onde a arqueologia era presente nas próprias terras, teve ainda a chance de juntamente com D. Pedro II, ser pioneira no Brasil, na arte da fotografia, podendo mostrar suas viagens pelo mundo, não bastando, fez questão de estar presente na vida de artistas, de modo que, também pudesse criar um envolvimento do Brasil com a Itália.

Palavras-chave: patrimônio cultural, humanidade, turismo, multiplicação, arqueologia, fotografia.

The cultural legacy of Empress Teresa Cristina in Brazil

ABSTRACT

This dissertation aims to value the empress's person as a cultural heritage, bringing back to the memory of the Brazilian people everything she did to disseminate culture in Brazil.

Making cultural heritage increasingly widespread, will collaborate so that tourism grows together with a culture and collaborates in a unique way for all humanity. In this way, exposing Teresa Cristina's story leads us to apply strategies, that provide an appreciation of the existing history in the collection belonging to her in life, left for research at the National Library - RJ, at the Imperial Museum of Petrópolis - RJ, as well as in the memory of those who seek in history, the traces of that period.

During the research period, the life was exposed in a very simple way, however, very engaging, where she insists of using every opportunity to multiply culture. She involved your Italian people, and your new Brazilian land, showing that, when it comes to culture, her interest was great in being able to bring to everyone what she had access by nature.

Coming from a family where archaeology was present in the lands themselves, also had the chance to be, together with D. Pedro II, a pioneer in the art of photography, being able to show your trips around the world, not being enough, she insisted on being present in the lives of artists so that she could also involve Brazil with Italy.

Keywords: Cultural Heritage, humanity, tourism, multiply, archaeology, photography.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
CAPÍTULO 1	1
1.1. Introdução.....	1
1.2. Estado da Arte	4
1.3. Objetivos	5
1.3.1. Objetivos Gerais	5
1.4. Metodologia e fontes.....	6
CAPÍTULO 2	7
2.1. Brasil de D. Pedro I a D. Pedro II.....	7
2.2. As dificuldades do país independente	10
CAPÍTULO 3	20
3.1. A vida de Teresa Cristina.....	20
3.2. O casamento imperial	22
CAPÍTULO 4	25
4.1. A herança cultural deixada pela imperatriz no Brasil	25
4.2. Uma importante mulher na sociedade brasileira e na família	39
CAPÍTULO 5	44
5.1. A história deixada pela imperatriz	44
5.2. Ausência de iniciativas pelo património cultural brasileiro	46
CAPÍTULO 6	48
6.1. Considerações finais	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
Referencias Digitais	51

CAPÍTULO 1

1.1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a importância histórica da última imperatriz que o Brasil teve, contando a sua trajetória e o legado deixado para disseminar a cultura no Brasil e no mundo. O trabalho também visa mostrar o quanto ficou esquecido o movimento realizado pela imperatriz no país durante décadas, auxiliando o Brasil em termos culturais e humanos, atitudes que ela teve em prol de uma sociedade nacional e internacional, não podendo esquecer da sua contribuição na imigração dos italianos para auxiliar no desenvolvimento do Brasil.

Teresa Cristina tinha muita sensibilidade e cuidado com a sociedade, com a família e com D. Pedro II, sua vida foi marcada por muitas atitudes que envolviam resultados para o Brasil e para o povo. Ao sair da Itália, sua terra natal para viver em um novo país, ela saiu de coração aberto disposta a adotar uma nova pátria, tendo em sua personalidade, o objetivo de fazer mais pelo povo do que para si.

A ideia sobre a imperatriz é formada através de contradições entre historiadores, enquanto alguns aproveitam as informações importantes dos diários deixados por ela, hoje pertencentes ao Museu Imperial de Petrópolis – RJ, para mostrar os desdobramentos da vida de uma mulher do século XIX, envolvida com a cultura de seu país e do exterior, outros a descrevem como uma mulher sem valor cultural e sem nenhum charme.

Com esta pesquisa, será possível mostrar o legado cultural deixado por ela, expondo alguns fatos que apresentam a importância de Teresa Cristina para a cultura brasileira e também para o povo italiano.

Sua participação no Brasil foi puramente pelo povo, tida como “mãe dos brasileiros” como veremos ao longo da pesquisa, teve participação importante na construção da cultura, levando italianos de todas as áreas para compor um novo país, como exemplo, cantores, pintores, médicos, cientistas dentre outros, além de enviar artistas brasileiros para novas experiências na Itália.

Uma das paixões do imperador, eram as viagens com objetivos culturais, o que ajudou enriquecer culturalmente o Brasil, tendo em vista a facilidade financeira que a família tinha. O casal imperial pode ser considerado pioneiro também na fotografia, o que possibilitou ao povo brasileiro, alcançar e conhecer o mundo através das imagens, que até hoje contam história e

podem ser visualizadas através dos meios digitais como o site da Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro¹.

A ideia de escrever esta dissertação, nasceu do interesse pela vida de Teresa Cristina e seu envolvimento com a cultura no cenário brasileiro. Toda a coleção deixada por ela, encontra-se disponível na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro – Brasil, podendo ser conhecida e pesquisada através do site <https://www.bn.gov.br/explore/colecoes/thereza-christina-maria>. O acervo existente na FBN, *“consiste em cerca de 100.000 (cem mil) itens entre livros, partituras, manuscritos, mapas, 23.000 (vinte e três mil) fotografias do Brasil e do mundo do século XIX, considerado em 2003 como patrimônio da humanidade pela UNESCO”*. O conjunto foi doado por D. Pedro II, após a morte da imperatriz com uma única exigência, que a coleção fosse mantida com o nome “Coleção Dona Thereza Christina Maria”².

O legado cultural deixado por ela, estende-se de um período em que o Brasil não possuía grandes conhecimentos, estando ainda em um período de descobrimento e organização, e tornou-se um país possuidor de uma mistura cultural, graças ao interesse do casal imperial em multiplicar o conhecimento adquirido, em disseminar os valores culturais que eles conquistavam nas viagens pelo mundo.

Entretanto, para entender a história do país deixando de lado a história da imperatriz, nota-se uma ausência de fatos na formação cultural do povo brasileiro. Sua postura intelectual em contraste com a sua discrição, provoca nas pessoas a imagem de uma mulher ausente e silenciosa, mas basta olhar bem a fundo na história vivida por ela naquele século, e compreender o cuidado e a preocupação que ela tinha em envolver todos que estavam ao seu redor, ao menor interesse intelectual, para ver e reconhecer o seu valor.

Veremos isto, após ler um pouco sobre os 46 anos vividos no Brasil, onde ela foi a pioneira no país na disciplina da arqueologia, na fotografia, juntamente com D. Pedro II, na imigração italiana desde trabalhadores assalariados que substituiriam o trabalho escravo, até professores, cientistas, médicos, artistas, dentre outros.

Através dos acervos existentes na Fundação Biblioteca Nacional - RJ, Museu Nacional - RJ e no Museu Imperial de Petrópolis -RJ, pode-se considerá-la uma mulher exemplo para o país e o mundo, muito a frente de seu tempo, que soube conduzir a família imperial ao crescente desenvolvimento.

¹ <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/therezaChristina.html>

² www.bn.gov.br

A dissertação é composta por 6 capítulos, onde fala de um Brasil Império em formação até tornar-se república, levando a família imperial ao exílio.

No primeiro capítulo, *Introdução*, procede-se o início do estudo falando sobre o legado cultural deixado pela imperatriz no Brasil, durante seus 46 anos vividos no país, e a história de vida deixada por ela, até então, um pouco desconhecida pelo povo.

No Segundo capítulo, *Brasil de D. Pedro I a D. Pedro II*, trata da construção de um novo país, um território sem muitas condições, com uma população cheia de dificuldades para um cidadão qualquer, um povo na sua maioria analfabeta, e um jovem soberano para conduzir todas essas questões, contando com a ajuda de seus fiéis encarregados.

Neste capítulo, constarão algumas mudanças ocorridas no Brasil, como a passagem da administração de pai para filho, vivendo ali um cenário dividido entre a opinião do povo pelo domínio de Portugal ou do Brasil. As mudanças neste período levaram o país ao desenvolvimento, conflitos, conquistas, que jamais estariam ao alcance da população, se não fosse o interesse da família imperial em fazer pelo bem do povo, uma situação vivida no Brasil no período de D. Pedro II, juntamente com a imperatriz Teresa Cristina, principal tema desta pesquisa.

No terceiro capítulo, apresento um pouco sobre *A vida de Teresa Cristina*, a formação da sua família num país distante, a trajetória de vida ao lado de D. Pedro II como esposa, como mãe, além de auxiliadora nas ações em que o imperador tinha que tomar decisões.

No quarto capítulo, falo sobre os feitos realizados por ela para todos – *A herança cultural deixada pela imperatriz no Brasil*, o intercambio realizado entre Brasil e Itália, juntamente com seu irmão Ferdinando, recebendo peças de importantes escavações realizadas em terras italianas e enviando objetos indígenas de solo brasileiro, introduzindo no país a disciplina da arqueologia e a fotografia, sua vida no Bairro de São Cristóvão, encerrando com as doações de tudo que pertencia a Teresa Cristina, durante os longos anos de vida no Brasil e que hoje contam a história da última imperatriz que o país teve.

No quinto capítulo, mostro os desdobramentos do *Brasil Império tornando-se República*.

No sexto capítulo, as considerações finais a respeito da pesquisa realizada sobre a vida de Teresa Cristina.

Para atingir o objetivo proposto, pretende-se fazer uma abordagem qualitativa, recorrendo a técnica de análise de documentos, pesquisando em acervos existentes que tratam da história da família imperial D. Pedro II e Teresa Cristina. Ressalto a inexistência de uma bibliografia vasta sobre a imperatriz, já que foi publicado apenas um livro do autor Aniello Angelo Avella, além de

muitos outros livros tratarem apenas sobre a vida do imperador, talvez pelo fato do papel pouco explorado ou pouco exposto da figura feminina naquela época, além do fato que, para o Brasil, sua filha princesa Isabel ficou mais conhecida na história do país, com a assinatura da Lei Áurea - Nº 3.353 de 13 de maio de 1888, o exato período em que Teresa Cristina e o imperador, estavam em viagem à Europa.

1.2. Estado da Arte

A imperatriz Teresa Cristina contribuiu com a cultura e o desenvolvimento do Brasil de uma forma especial, o cuidado dela era envolver todas as pessoas em suas ações, sem se importar com a cor, com a nacionalidade, com as diferenças em geral, pensando apenas em colocar ao alcance de todos, o que ela conhecia e encontrava de valioso pelos lugares que passava. Considerando o fato de viver longos anos distante da sua terra natal, ela acabou por adotar o Brasil como pátria e os brasileiros como seu povo, sem esquecer dos italianos. Surpreendentemente, ela soube conduzir mesmo naquela época, um intercâmbio cultural envolvendo as duas nações, Brasil/Itália, bem como as pessoas e os objetos de valores para ambos os povos.

Hoje, encontra-se disponível uma obra do professor italiano Aniello Angelo Avela, publicado em 2014 pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (eduerj), onde a trajetória da vida da imperatriz é apresentada enquanto esteve no Brasil, contendo as cartas que expõe seus sentimentos, suas emoções, suas conquistas, seu histórico de envolvimento com a arqueologia, sua vida com a ligação Brasil e Itália, onde o leitor pode fazer uma viagem aos anos de 1843 à 1889. Esclarecendo ainda que, existe um vazio muito grande a respeito da vida da imperatriz, passando quase em branco sua participação tanto no Brasil, quanto na Itália. Pouco se ouve falar dessa mulher que foi envolvida em grandes atos culturais, além da inexistência de bibliografias e dissertações que tratem dos anos vividos por ela na América, e sua grande paixão pelo povo.

Compondo o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, encontra-se disponível a Coleção Brasileira, onde há o retrato da imperatriz com a técnica de óleo sobre madeira, obra do artista François Auguste Biard, publicado em 1858 no Rio de Janeiro – Brasil, existe ainda outra obra publicada em 1861, do autor Victor Frond, na Ilha de France – França, utilizando a técnica litografia em papel, representando a imperatriz no período do segundo império, e para finalizar, utilizando a mesma técnica – litografia em papel, do autor Antoine Maurin, datado de 1854 e

1859, na Ilha de France – França, onde podemos ver Teresa Cristina mais uma vez, representando o segundo império brasileiro como parte do acervo existente na Pinacoteca, em São Paulo – Brasil³.



Imagem 1.

Fonte: www.pinacoteca.org.br

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivos Gerais

O presente estudo visa analisar, identificar e valorizar o legado cultural da última imperatriz que o Brasil teve, chamada Teresa Cristina, o impacto causado por ela através do material existente nos Museus e Bibliotecas do país, pertencente a ela em vida e doado por D. Pedro II, para fazer parte da história do país. Considerando que Teresa Cristina pertenceu ao Brasil como parte da sociedade e como parte da evolução do país, ela também faz parte do país como patrimônio cultural, com isso, vamos apresentar a participação da imperatriz numa sociedade onde mesmo a mulher tendo uma presença minoritária, conseguiu deixar sua marca, seu registro, soube auxiliar o imperador em decisões importantes para uma nação, dando resultados positivos ao país, no tocante à cultura, educação e ao desenvolvimento.

Esta pesquisa visa também, contribuir para leitores interessados em desenvolver novos estudos sobre a vida da imperatriz, com a finalidade de ampliar o campo da história daquele período, tendo em vista a escassez de bibliografia que se refira à vida de Teresa Cristina, a

³ Fonte: www.pinacoteca.org.br, acesso 25 de junho 2019

dificuldade em realizar uma nova pesquisa, pode ser amenizada com a existência de trabalhos que falem do período vivido por ela no Brasil.

1.4. Metodologia e fontes

Esta investigação será feita através de uma pesquisa aprofundada nos documentos existentes nos Museus e na Biblioteca Nacional do Brasil, em bibliografia publicada, reforçando a falta de bibliografia, tendo em vista a maioria das publicações tratarem da filha Princesa Isabel e do imperador D. Pedro II, deixando a importância da vida de Teresa Cristina, apagar-se com o passar do tempo.

Através dos diários e cartas existentes no Museu Imperial de Petrópolis, será possível descobrir e analisar o cotidiano da vida da imperatriz, trazendo para os dias atuais, a história perdida no século XIX, pertencente ao povo brasileiro, onde muitos fatos importantes poderão ser analisados.

CAPÍTULO 2

2.1. Brasil de D. Pedro I a D. Pedro II

Em 1822, o ano em que ocorreu a independência do Brasil, o país era um território composto por um povo em sua maioria analfabeto, sem expectativas de mudanças ou desenvolvimento. O país era gigante em território, e mergulhado nas dificuldades voltadas à independência, e como não bastassem tantas dificuldades existentes no país, após 13 anos de permanência no Brasil, D. João VI havia retornado para Portugal no ano de 1821, atendendo às ordens e às necessidades de seu país. Ao seguir viagem rumo ao continente europeu, levou o que restava nos cofres públicos, deixou seu herdeiro como príncipe regente de um país sem dinheiro e sem condições de se desenvolver, “O novo país nascia falido”⁴. Mesmo com este cenário, D. Pedro I não desistiu de lutar pela Independência e pela vitória do território, do seu povo, acreditando que conquistar a liberdade era apenas questão de tempo.

Não seria uma luta tão fácil, tendo em vista a falta de pessoas instruídas o bastante, para a possível guerra rumo à Independência. O país não possuía dinheiro, armas ou se quer gente preparada para qualquer conflito, tudo parecia perdido, mas mesmo assim, D. Pedro I nunca desistiu, “O Brasil de hoje deve a sua existência e sua formação, à capacidade de vencer obstáculos que pareciam insuperáveis em 1822”⁵. A tentativa de mudança para o Brasil, incluía a independência e o fim da escravidão, porém, o segundo interesse ficaria para anos mais tarde, já que a única mão de obra existente, era a mão de obra escrava, como veremos mais adiante.

O período que antecedeu a Independência do Brasil, foi marcado por confrontos e tensões entre portugueses e brasileiros, a verdade é que Portugal não aceitaria pacificamente perder um território que possuía há quase três séculos, o que tornou o processo ainda mais urgente, além disso, o príncipe estava a beira de perder o cargo de regente do Brasil para os portugueses⁶, o que seria desperdício, tendo em vista o trabalho realizado por D. João VI por um longo período, em prol do país.

Com apenas 23 anos de idade, D. Pedro I tinha duas opções naquele momento, obedecer às ordens de Portugal, voltando para estudar na Europa e viver refém das ordens das Cortes portuguesas, como aconteceu com o seu pai após ter retornado para Portugal, ou conquistar a

4 Laurentino Gomes, 2010, p. 16

5 Laurentino Gomes, 2010, p. 16

6 Laurentino Gomes, 2010, p.32

independência do Brasil, dando ao povo brasileiro, sua terra por direito, tornando-se livre das ordens que atravessavam o oceano Atlântico à navio, dizendo como ele deveria agir junto à nação brasileira, sem ter chances de mudar o país para melhor.



Imagem 2. D. Pedro I

Fonte: <https://museuimperial.museus.gov.br/>

Seria necessário tomar alguma decisão no sentido de libertar o Brasil, caso contrário, as ordens portuguesas que chegavam sempre em tons ameaçadores, dominariam para sempre a nação brasileira. A última ordem havia chegado no dia 28 de agosto de 1822 e foi entregue à D. Pedro I, já na colina do Ipiranga em São Paulo, onde ocorreria em seguida o “Grito da Independência”. O teor da carta foi tão desagradável que o príncipe regente após a leitura, reagiu com muita raiva, jogando a carta no chão e enfim, a decisão foi tomada de imediato, em 7 de setembro de 1822, o imperador gritou com entusiasmo: “Viva a Liberdade! Viva o Brasil separado! Viva D. Pedro!”⁷. Em seguida ao grito, declarou quebradas as relações entre Brasil e Portugal, conseqüentemente, retirou as cores portuguesas de seu chapéu, substituindo o azul e o branco pelas novas cores brasileiras, verde e amarelo, jurando lutar até a morte pela independência do Brasil.

O Brasil estaria recomeçando mais uma vez, era a hora de tentar conquistar além da liberdade, o desenvolvimento, a ordem e o progresso, tema da atual bandeira brasileira, pois,

⁷ Laurentino Gomes, 2010, p. 35

libertos das ordens das Cortes portuguesas e sem condições financeiras, o país só tinha uma opção, seguir em frente para ver onde poderia chegar. O conflito que se daria entre as duas nações após a independência, provavelmente não teria data para acabar, entretanto, todos sabiam que não seria fácil, mas juntos, seria possível a realização de muitas conquistas. O que provavelmente D. Pedro I já imaginava, era que o país poderia não apoiá-lo unanimemente, mas claro, ele não esperava nada fácil, motivo pelo qual ele nunca desistiu e seguiu rumo ao progresso.

A casa que à época fez parte do grito do Ipiranga - MCSP/Casa do Grito, está localizada na praça do Monumento, no bairro do Ipiranga, e é um imóvel tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), integrando o acervo de casas históricas, onde abriga exposições com temas relacionados à São Paulo, é aberto ao público de terça à domingo, das 9 às 17 horas. <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/casa-do-grito/>.

Usada no descanso da cavalaria no dia do grito, a casa tem sua importância na história do Brasil, originalmente foi construída de pau-a-pique, uma técnica de construção utilizada antigamente, que consistia em entrelaçar o cipó com o bambu e depois preencher os espaços com barro, dando uma estrutura na construção, formando as paredes. Ao longo dos anos, diversas reformas possibilitaram sua alteração, porém, não conseguiram alterar a história marcada no ano de 1822.



Imagem 3. Casa do Grito

Fonte: <http://www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br/sobre-mcsp/casa-do-grito/>

A imagem retratada abaixo, representa o Grito do Ipiranga, pintado em óleo sobre tela pelo artista Pedro Américo, foi feito em Florença-Itália no ano de 1888, e encontra-se exposto no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP). (<http://ciencia.usp.br/> / . Acesso no dia 20 de junho de 2019.



Imagem 4.

Fonte: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/diplomacia-cultural-mre/20793-independencia-ou-morte-grito-do-ipiranga-estudo>

2.2. As dificuldades do país independente

O Brasil não era tão provido de riquezas para erguer ou sustentar uma nação, mas estava lutando para sobreviver à sua independência, enquanto isso, Portugal contraía empréstimos para reforçar seus navios e homens, agindo de maneira mais experiente para se preparar para retomar o território, recuperando o poder pelo país que acabara de conquistar a independência. Havia o medo de uma rebelião escrava, pois, a minoria era branca e todo o trabalho era realizado pelos escravos naquela época. Entretanto, o Brasil estava dividido entre os que eram a favor do domínio de Portugal e os que eram contra, logo, uma certa resistência poderia surpreender D. Pedro I, causando mais um transtorno na luta da independência.

Quando D. João VI deixou o país, sua ordem foi “raspar os cofres do Banco do Brasil, criado em 1808 para as despesas da corte e encaixotar todo o ouro, os diamantes e outras pedras do Tesouro Nacional”⁸, o país ficou desprovido financeiramente, tendo apenas as forças e as

⁸ Laurentino Gomes, 2010, p. 52

atitudes de boa vontade daqueles que desejavam ver um cenário diferente, assim, a crise existente só passaria em 1829, quando D. Pedro I conseguiria liquidar a dívida deixada por seu pai.

D. Pedro I precisava lutar para tirar o Brasil da falência total, no primeiro mês após a partida de D. João VI, sua primeira atitude foi abolir os impostos do sal e da navegação de cabotagem, ambos encareciam muito a produção da carne de charque e também o comércio regional. Na sequência, cortou o seu próprio salário e foi viver no Palácio da Quinta da Boa Vista, situado no Bairro de São Cristóvão - RJ, doado a D. João VI por um rico comerciante em 1820, tornando-se a morada oficial da família imperial até 1889, ano do Golpe Militar, além disso, vendeu quase 90% dos animais da cavalaria real, coisa que na época era tido como algo desnecessário, um gasto abusivo do dinheiro público, com a redução, ao invés de comprar milhos para o sustento dos animais, os escravos produziam no próprio quintal do Palácio, aproveitando o benefício da redução da cavalaria. Empolgado com as mudanças realizadas para reerguer o país, escreveu orgulhoso ao pai contando que tinha esperança de que tudo daria certo dali em diante.



Imagem 5. Palácio de S. Cristóvão.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/>

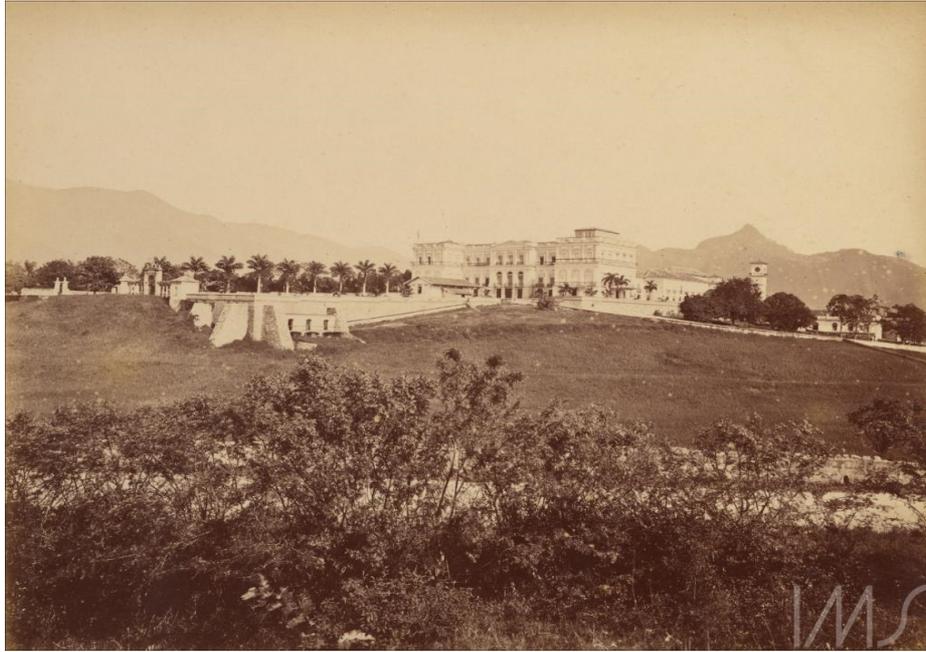


Imagem 6. Palácio de S. Cristóvão

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/>

Os problemas do Brasil não seriam resolvidos com as alterações realizadas, mas aliviarium em parte as tensões de D. Pedro I, já que naquele momento apenas uma parte do país havia aderido ao movimento da independência, a outra parte que era contra ele e a favor de Portugal, tornava-se o seu conflito maior a ser resolvido, a união faria a força que ele precisava naquele momento, mas desistir nunca foi tema da luta do imperador.

Após 2 anos do grito do Ipiranga, o Brasil estava tão dividido que, os apoios que D. Pedro I necessitava ou imaginava que receberia, estavam mais distantes do que os próprios estados brasileiros em sua grande extensão territorial. Na ocasião, apenas os estados de “Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro aderiram a independência proclamada por D. Pedro I”⁹, os demais estados ou não concordavam com as mudanças, ou estavam sob o domínio português, por não acreditarem que deixando Portugal poderiam sobreviver.

2.3. A evolução e desenvolvimento do país

Para tornar possível o desenvolvimento e possibilitar a saída do que se produzia no Brasil, o país precisava ficar liberto do monopólio português, para isso, começou por abrir as portas para o comércio inglês – o que já vinha sendo feito desde o Tratado de 1810-, logo, a Inglaterra inundou o porto do Rio de Janeiro com seus produtos, sendo responsável pelo maior número de navios

9 Laurentino Gomes, 2010, p.57

atracados no porto do Rio de Janeiro, facilitando o crescimento económico para o país recém liberto, através da “liberdade de comércio”¹⁰.

O comércio parecia ser uma promessa garantida para a melhoria do país, com tal crescimento em determinadas regiões, o Brasil foi dando passos rumo a evolução, os estados como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, começaram a exportação de seus produtos, com isso, “o novo mercado interno”¹¹ dava continuidade ao desenvolvimento territorial, comercial e financeiro.

Para a formação de uma república como era o desejo de muitos, era preciso construir um Brasil muito além do vasto território existente. Seria necessário a construção de estradas que ligassem o país de um extremo ao outro, principalmente levando em conta o vasto território brasileiro, distribuir desejo de crescimento, reduzir a falta de trabalho, acabar com a escravidão, construir na cabeça das pessoas ideias de que o crescimento favoreceria toda a nação, e que o Brasil precisava de fato, era de esforços que tornassem possível, o desenvolvimento, a ordem e o progresso, mesmo sabendo que a luta duraria anos.

O Rio de Janeiro era o estado com maior número de modificações realizadas para favorecer o desenvolvimento, tal situação, pode ter sido pelo fato da família imperial ter escolhido a cidade como local de residência, as ruas do centro da cidade ganharam calçamento e “iluminação”¹² pública, a população ganhou nas casas: “água, gás e esgoto”¹³, além de um bonde puxado à burro para circular pelas ruas da cidade, que ligava o centro do Rio de Janeiro aos bairros mais próximos como Santa Teresa e Tijuca, ainda contava com a graça de ter passageiros de todos os tipos, tais como ministros, deputados, senadores, barões e viscondes.

A evolução no Rio de Janeiro, se deu devido a transferência da corte portuguesa para a cidade, dando ao local, um acelerado processo de infraestruturas e serviços, fundando instituições como a Biblioteca Pública, a atual Biblioteca Nacional¹⁴.

10 Laurentino Gomes, 2010, p.56

11 Laurentino Gomes, 2010, p.16

12 Laurentino Gomes, 2015, p. 62

13 Laurentino Gomes, 2015, p. 62

14 Aniello Angelo Avella, 2014 p.32



Imagem 7.

Fonte: Imagem do autor, Fundação Biblioteca Nacional – RJ ano 2016

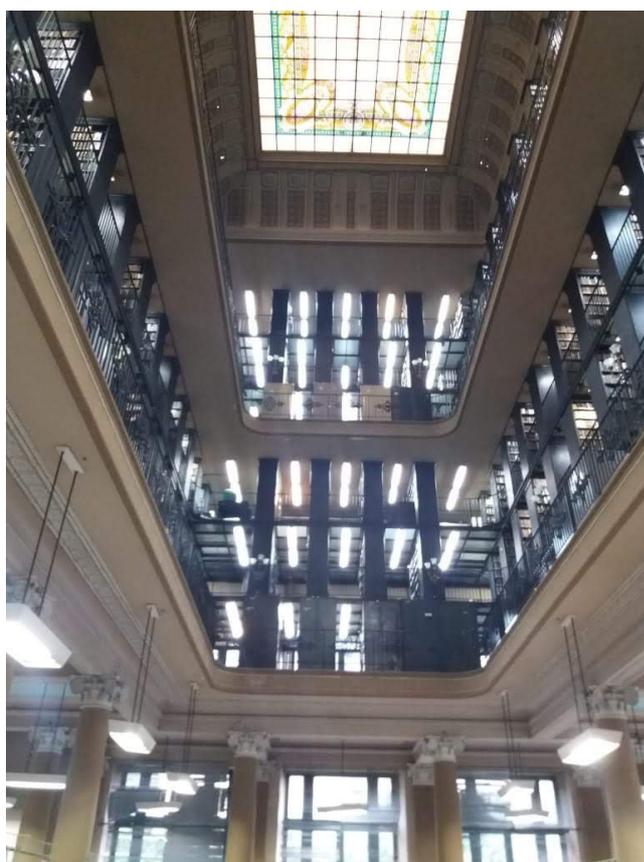


Imagem 8.

Fonte: Imagem do autor, Fundação Biblioteca Nacional – RJ – ano 2016

O clima do país tropical não condizia com o ritmo que se via nas ruas da cidade, as mudanças pretendiam levar o Rio de Janeiro a se tornar parecido com as cidades europeias. Parte da sociedade que detinha poder aquisitivo, tentava entrar nas novidades que chegavam da Europa. Nas ruas do centro, já existiam lojas com artigos franceses, para quem podia ostentar o luxo europeu naquele longínquo país. “A rua do Ouvidor concentrava as casas de comércio mais elegantes”¹⁵. Curiosa era a combinação do clima tropical com o luxo europeu, que muitos faziam questão de unir um ao outro, contrastando com a pobreza que rodeava o país e a grande população mergulhada nas dificuldades existentes.

Mesmo com as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro, nos meses mais quentes, quem podia se refugiava em Petrópolis, para desfrutar do clima de montanha e da qualidade de vida com aspeto europeu, onde havia o luxo das mansões, dos passeios à pé, à cavalo ou de carro, para desfrutar da paisagem da cidade, dos concertos, das festas, dos bailes, um verdadeiro pedaço da europa plantado no meio da mata Atlântica brasileira.

Petrópolis foi criada em 1845, já sob o comando de D. Pedro II, a cidade foi uma realização do sonho de seu pai, que ao abdicar do trono em 1831, ano em que retornou à Portugal, não pode dar continuidade à criação da cidade, que tanto lhe chamou atenção pela beleza e o clima agradável. Como era o costume receber muitas visitas da Europa, pessoas que não estavam acostumadas com o clima do Rio de Janeiro, D. Pedro I comprou uma fazenda, para fazer de moradia de veraneio para a família imperial e seus visitantes, hoje a casa funciona como Museu Imperial, salvaguardando os objetos e mobílias usados pela família por longos anos.

O Museu Imperial localiza-se à Rua da Imperatriz n° 220 – Centro de Petrópolis, fica aberto ao público de terças à domingos, das 10h às 18h, podendo ser visitado virtualmente através do site www.museuimperial.museus.gov.br. Durante as visitas ao local, é necessário o uso de pantufas para a proteção e conservação do piso.

15 Laurentino Gomes, 2015, p .63



Imagem 9

Fonte: www.museuimperial.museus.gov.br

A viagem para Petrópolis no início do reinado, durava cerca de dois dias, no ano da proclamação da República, em 1989, tinha duração de duas horas para o mesmo trajeto, graças a construção do caminho de ferro criado em 1854¹⁶, com a grande colaboração do Visconde de Mauá, o homem mais rico do Brasil à época do segundo reinado, o qual tinha grande interesse em ajudar o país rumo ao desenvolvimento. Levando em conta a dimensão do território, muitas estradas de ferro deveriam ser construídas para que o progresso pudesse de fato, ser a realidade brasileira naquele período, e o projeto de construção continuou por anos, ligando o estado do Rio de Janeiro à São Paulo e Minas Gerais.

No ano de 1818, dando continuidade ao projeto de desenvolvimento e progresso brasileiro, em Nova Friburgo, município do Rio de Janeiro, deu início a imigração estrangeira dos suíços, a ideia era construir um país envolvendo imigrantes europeus, aproveitando o clima e as características da região, localizada no alto da serra, lembrando um pouco o estilo de vida na Europa. A construção não foi tão fácil como se pensava, parte da colônia morreu de fome e de doenças devido às dificuldades daquela época, os que sobreviveram, formaram naquela serra, a colônia que até hoje é um grande destino turístico no Brasil. Friburgo faz parte juntamente com Petrópolis e Teresópolis, do conjunto serrano localizado entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, conjunto este, beneficiado por um clima bem mais favorável que a cidade do Rio de Janeiro, além da localização na serra da Mata Atlântica.

As negociações de melhoria do Brasil, se passavam na tentativa de não usar os negros no trabalho escravo e iniciar o processo de abolição da escravatura, porém, as ideias dos grandes fazendeiros e alguns políticos divergiam, o que acabou acarretando em um atraso nas decisões

¹⁶ Fonte <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7183>

da libertação dos escravos, o tráfico de escravos envolvia muito dinheiro tanto do lado brasileiro, quanto do outro lado do Atlântico, e além do mais, muitos viviam dependentes desse tipo de trabalho, adiando a tão desejada abolição para o ano de 1889. No Rio de Janeiro, enquanto o crescimento e desenvolvimento tornavam-se possíveis, o número de escravos também crescia, tendo em vista o movimento vivido ao redor da família imperial e a dependência cada vez maior, tanto da mão de obra escrava, quanto do lucro trazido pelo tráfico.

As mudanças idealizadas para o Brasil, sofreram alterações no ano de 1831, forçado pelos acontecimentos políticos em Portugal, D. Pedro I abdicou do trono em nome do filho de apenas 5 anos de idade, seguindo para a Europa para assumir o trono como Rei D. Pedro IV, após a morte de seu pai D. João VI, o país seguiria sob um novo comando.



Imagem 10. D. Pedro II

Fonte: <http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=967&evento=5>

Nesta época, D. Pedro II ficou sozinho com mais três irmãs, órfãos de mãe e agora sem o pai presente, precisariam seguir a vida no Brasil. A partida do pai se deu durante a noite, enquanto o futuro príncipe regente dormia, foi beijado pelo pai em uma despedida definitiva, pois não o veria mais. O contato entre pai e filho foi mantido através de cartas, onde orientações diversas, seguiram alertando como o filho deveria agir e as precauções que deveria tomar, orientando até na forma como o filho deveria escrever suas cartas. Ao todo, 39 cartas foram trocadas até a morte de D. Pedro I em 1834, algumas fazem parte do arquivo do Museu Imperial de Petrópolis – RJ, como citado pelo autor do livro 1822, Laurentino Gomes.

“Meu querido pai e meu senhor

Quando me levantei e não achei a Vossa Majestade Imperial e a mamãe para lhe beijar a mão, não me podia consolar nem posso, meu querido papai. Peça a Vossa Majestade Imperial que nunca se esqueça deste filho que sempre há de guardar a obediência, respeito e amor ao melhor dos pais tão cedo perdido para seu filho. Beija respeitoso as augustas mãos da Vossa Majestade Imperial. Este de Vossa Majestade Imperial saudoso e obediente filho, Pedro.”¹⁷

O príncipe nunca mais viu o pai, durante os anos em que trocaram cartas, D Pedro II pediu que o pai lhe “enviasse uma mecha do cabelo”¹⁸ para manter de recordação, o pedido, por tanto, foi correspondido somente após a morte de D. Pedro no ano de 1834, quando foi enviado ao Brasil, atendendo ao pedido do filho, o coração do imperador, realizando o seu último desejo, é mantido até hoje na Igreja da Lapa no Porto – Portugal.

Durante sua infância, teve uma criação muito rígida, era submetido a horários para todas as atividades, inclusive para a visitação as irmãs mais velhas¹⁹, desde o amanhecer até o apagar das luzes para dormir, não tinha liberdade dos seus próprios passos. Teve uma infância triste e manipulada psicologicamente, fez dos estudos o seu mundo particular, habilidades e paixões que o imperador fez como seus aliados para toda a vida, como os estudos e os livros. Dificilmente acreditar-se-ia que ele teria pulso para conduzir uma nação tão grande aos 12 anos de idade, porém, mesmo tão jovem, já era visto por alguns, com aspecto de um homem de 40 anos.

Em 1841, D. Pedro II foi coroado imperador do Brasil²⁰, o país ainda vivia um período de instabilidade, recebia um jovem de 14 anos que acabara de se tornar maior de idade. Após o período de coroação do imperador, seria preciso conseguir uma esposa, distanciando o menino de uma possível vida promiscua, como a vivida por seu pai D. Pedro I, questão que logo seria resolvida, com a chegada da princesa do reino de Bourbon.

A criação do pequeno e futuro imperador do Brasil foi cercada de muita educação, além de ter tido envolvimento com muita cultura, ao longo de sua vida, ele patrocinou muitos projetos de pesquisas relevantes da história do Brasil, tanto no país como no exterior, tinha interesse pela etnografia e linguística americana, ajudou de diferentes maneiras o trabalho de cientistas como von Martius²¹, além de vários outros que estiveram no país, se interessou em aprender o tupi e o guarani, tinha participações no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), presidiu ao todo

17 Acervo Museu Imperial de Petrópolis, 1831

18 Laurentino Gomes, 2015, p 102

19 Laurentino Gomes 2015, p.103

20 Laurentino Gomes, 2015, p. 104

21 <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/108079-revista-ihgb-volume-400.html>

506 sessões entre 1849 até 1889, só se ausentava em casos de viagens, que ao longo de sua vida, foram todas realizadas com interesse cultural, como podemos ver nas fotografias que compõem o acervo da Biblioteca Nacional – RJ, denominado “Dona Teresa Cristina Maria ”.

CAPÍTULO 3

3.1. A vida de Teresa Cristina

Thereza Christina Maria nasceu em Nápoles, na Itália, em 14 de março de 1822, filha do Rei Francisco I (1777 – 1830) e da infanta Maria Isabel da Espanha (1789 – 1848) <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6798>. Teve uma educação muito rígida, bem semelhante a de seu futuro marido D. Pedro II, desde muito jovem tinha gosto pelas belezas artísticas, vocação para o canto e o piano, estudava francês, além de uma severa educação religiosa. Sua família era envolvida com a disciplina da arqueologia, logo, além de já possuir terras que facilitassem a exploração, teve ainda, portas abertas para que pudesse se envolver com as escavações herdadas, somando-lhe conhecimentos para essa grande paixão que a acompanharia pela vida toda.

Casou-se com um Príncipe desconhecido e abriu mão de sua pátria e sua família, cruzou o oceano ao encontro de uma nova terra com uma nova vida, mesmo sabendo que tudo seria diferente, numa terra distante, com um clima mais quente, um lugar sem a cultura e sem os refinamentos da Europa. Ao embarcar, levou juntamente em sua bagagem, um pouco da sua cultura para contribuir com o Brasil, já considerando sua pátria e sua terra querida.

A história pouco retrata sobre sua vida, tanto ao longo dos anos em que esteve na Itália quanto ao lado do marido no Brasil, porém, arquivos existentes em importantes sítios no Rio de Janeiro, como o Museu Imperial de Petrópolis, Museu Nacional e Fundação Biblioteca Nacional, comprovam sua importante participação cultural, envolvendo os dois países, Brasil e Itália. O acesso aos acervos digitais estão disponíveis em: www.museuimperial.museus.gov.br , www.museunacional.ufrj.br e www.fbn.gov.br.

Teresa Cristina e seu irmão Ferdinando, tinham interesses em comum na disciplina da arqueologia, a imperatriz considerada pioneira no Brasil, trouxe em sua primeira viagem, objetos de escavações oriundas da Itália, onde seu irmão continuou à frente das escavações. Aos cuidados do Museu Nacional -RJ, existiam 260 peças, do período em que os irmãos faziam um intercâmbio cultural, o Museu, tornou-se o maior da América Latina de história natural, graças a grande contribuição da imperatriz, porém, com a tragédia do incêndio de setembro de 2018, o Brasil perdeu parte do acervo mantido até então e teve parte do palácio destruído, local que, por longos

anos, serviu de moradia para a família imperial, queimando uma história valiosíssima para a população brasileira e para o mundo²².

A dor das perdas na vida de Teresa Cristina parecia ser infinita, pois, ela já havia passado pela perda de dois filhos, o primeiro, Afonso, morre aos dois anos de idade em 1847, o segundo, Pedro Afonso, morre meses antes de completar seus dois anos de vida, “a imperatriz se fecha em sua dor silenciosa”²³. O casal vê a possibilidade de sucessão do trono ir embora juntamente com a perda dos filhos, pois, após os falecimentos, restaram apenas as filhas Isabel e Leopoldina.

O que parecia não ter fim para a imperatriz, era a dor das perdas dos filhos, novamente em 1871, aos 24 anos de idade, a segunda filha mulher também faleceu, Leopoldina, contrai a doença do tifo e não consegue vencê-la, só resta para a imperatriz o silêncio das dores adquiridas ao longo de sua vida em família, Leopoldina deixou o marido e dois filhos pequenos, onde viviam há pouco tempo na Áustria. Em carta à filha Isabel, Teresa Cristina escreve: “Minha cara e sempre amada filha Isabel, não me posso consolar pela perda de uma filha tão amada e tão jovem”²⁴.



Imagem 11. Família Imperial

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6798>

22 www.museunacional.ufrj.br

23 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 134

24 Aniello Angelo Avella, 2014, p.135

3.2. O casamento imperial

Devido aos interesses políticos ao redor da vida do jovem soberano D. Pedro II, a fim de evitar que ele seguisse os passos do pai, numa vida de muitos relacionamentos extraconjugais, foi estudado um casamento mesmo antes de completar a maior idade, ainda aos 14 anos. Com a finalidade de garantir uma boa reputação ao príncipe, com uma resolução mais adequada para um regente, foi acelerado o processo de maior idade, “a cerimônia de sagração e coroação, realizada a 18 de julho de 1841”, “à pressa da coroação seguiu-se a do casamento ebnm maio de 1843”²⁵.

O Brasil era tido como um país distante, sem os refinamentos dignos de uma princesa europeia, um clima bem diferente do clima europeu, sem cultura, além de se tratar de um príncipe sem boas condições financeiras, questões que dificultavam muito a aceitação por parte da corte austríaca, resultando numa negação ao pedido, levando em conta que, ainda havia a lembrança referente a vida sofrida de Leopoldina, enquanto esposa de D. Pedro I, favorecendo para a tomada das decisões. Após uma procura sem sucessos, surgiu então a hipótese de casar D. Pedro II com Teresa Cristina, irmã mais nova do Rei Ferdinando II de Bourbon, de Nápoles - Itália, mesmo sem a autorização vinda do Brasil, o enviado à Europa para resolver tal questão, assinou o contrato de matrimônio. Pouco se sabia sobre a princesa, além do bom relacionamento entre Rio de Janeiro e Nápoles.

O casamento aconteceu na Itália, em 1º de julho de 1843, a cerimônia foi realizada em uma sala dividida em duas partes²⁶, a parte de frente para o mar, representava o território brasileiro, terra que a imperatriz adotaria como sua logo em seguida, a outra parte, voltada para a terra, representava o território de Nápoles sua terra natal, local que receberia grande apoio cultural, após sua chegada ao Brasil e seu desempenho juntamente com seu irmão.

25 Laurentino Gomes 2015, p. 105

26 Aniello Angelo Avella, 2014, p.59



Imagem 12.

Fonte: <https://museuimperial.museus.gov.br/>

Ao fim da cerimônia de casamento, Teresa Cristina deixou a Itália e sua família, para seguir ao encontro da nova vida em terras estrangeiras. A fragata Constituição²⁷, conduziu a imperatriz para uma travessia que duraria cerca de dois meses pelo oceano Atlântico, período este que permitiu que todos a bordo conhecessem o lado generoso de Teresa Cristina. O contato era tão direto que, todo dia para atender ao pedido da imperatriz, era destacado um oficial para que ao lado dela, pudesse participar das refeições, além disso, em caso de doença, ela permanecia ao lado do doente, até que desse o último suspiro. Esse jeito tão amável e bondoso, conquistou o coração dos que tiveram a oportunidade de acompanhá-la durante toda viagem, e conquistaria D. Pedro II, após o convívio diário.

D. Pedro II havia recebido uma fotografia da futura imperatriz, onde ela foi apresentada a ele com muita beleza e elegância, o retrato não era a fiel imagem da imperatriz e ao recebê-la no Brasil, ele se decepcionou com a aparência simples e humilde de sua esposa, e à sua “Dadama”, “entregou-se mergulhando no pranto”²⁸, nada mais poderia ser feito naquele momento, a não ser aceitar o matrimônio já concluído.

Como Teresa Cristina tinha um jeito dócil e amável, mesmo vendo o desgosto do imperador no primeiro encontro, conseguiu conquistá-lo logo no início da convivência e ambos

27 Aniello Angelo Avella, 2014 p. 59

28 Aniello Angelo Avella, 2014, p.62

perceberam a importância que cada uma teria no cotidiano da família imperial, bem como de toda a sociedade brasileira, durante os 46 anos de liderança no país.

O afeto, a cumplicidade e o respeito, foram surgindo com passar do tempo, Teresa Cristina foi capaz de estar ao lado do imperador, mostrando-se atenciosa, além dos interesses intelectuais compatíveis com o de D. Pedro II, conquistou o afeto e o carinho do marido, passando a partilhar da rotina de decisões do imperador perante o Brasil.



Imagem 13.

Fonte: <https://museuimperial.museus.gov.br/>

CAPÍTULO 4

4.1. A herança cultural deixada pela imperatriz no Brasil

O legado deixado pela família imperial para o patrimônio cultural brasileiro, é apresentado neste trabalho com a finalidade de ampliar a visibilidade da história da imperatriz, sua importância e a pouca divulgação dos fatos, as ações realizadas por ela, deveriam estar presentes, representando uma grande mulher italiana que mergulhara a fundo na sociedade brasileira, com interesse em realizar grandes coisas pelo povo e pelo país, adicionando a disciplina da arqueologia naquela terra distante, levando profissionais italianos dispostos a assumirem o Brasil como sua nação.

A imperatriz arqueóloga, mãe dos brasileiros, patrocinadora da cultura no país que tanto amava e considerava sua terra - o Brasil, mesmo nos tempos em que a mulher não tinha tanta liberdade de expressão, Teresa Cristina era tida como silenciosa, não sabemos se silenciada, “a imagem da mulher que vive na sombra, ofuscada pela figura do marido”²⁹ como nos diz o historiador Aniello Angelo. Nos registros de seus diários, é possível observar o quão culta era a agenda da imperatriz, bem como seus atos perante o meio em que vivia, o que descaracteriza uma mulher silenciosa, levando em conta que ela não só se interessava em se envolver com a cultura, como também envolvia outras pessoas. Vemos no exemplo do cantor lírico Carlos Gomes³⁰, muito querido por D. Pedro II e que teve seus estudos patrocinados pela família Imperial, porém, vale ressaltar que, a vontade de D. Pedro II era que os estudos fossem realizados na Alemanha, mas Teresa Cristina o convenceu de que o melhor seria na Itália, uma atitude que demonstrava ser uma mulher de opinião culta e com poder de persuasão.

A mulher na sociedade não tinha o poder de decisão, tão pouco sua opinião era ouvida, mas Teresa Cristina foi uma das exceções do século XVIII, o homem era tido como o único modelo de opinião de valores, atitude, pensamentos importantes. As mulheres eram tidas como inferiores, tinham capacidade apenas para cuidar da educação dos filhos, da família e da casa, baseado nos ideais daquele século, mesmo por mais inteligente que fosse. A mulher vivia as sombras em qualquer parte do mundo, porém, a evolução foi acontecendo nos Estados Unidos e Europa, até que chegou ao Brasil se fazendo presente na vida da mulher brasileira por volta dos séculos XIX e XX.

29 Aniello Angelo Avella, 2014, p.48

30 Aniello Angelo Avella, 2014, p.72

A revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de 1856 menciona a proteção dispensada ao sexo feminino através de uma instituição fundada em 1855, com a finalidade de educar meninas órfãs e que teriam se perdido na corrupção pela miséria, a instituição que tinha o apoio da Imperatriz Teresa Cristina³¹, foi fundada na data do seu aniversário, em 11 de março, sob o nome de Asylo de Santa Teresa, no estado do Maranhão, nordeste do país, e a reunião constante na revista do IHGB, foi assinada pelo imperador D. Pedro II que era um frequentador assíduo.

A última imperatriz que o Brasil teve, ficou esquecida no país onde viveu por quase meio século, e tão pouco ficou conhecida na Itália, país onde nasceu e esteve envolvida com importantes escavações, além de ter aberto as portas da imigração italiana para o Brasil, tanto para os que iriam auxiliar na lavoura, como para as atividades que o país necessitava em sua formação, como médicos, enfermeiros, farmacêuticos, professores, artistas e artesãos, até mesmo “com a finalidade de substituir a mão de obra escrava pela força de trabalho assalariado”³².



Imagem 14.

Fonte: Imagem do autor, Teresa Cristina – RJ 18 de setembro de 2018

31 Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Terceira série, 1º trimestre, nº21, 1856

32 Aniello Angelo Avella, 2014, p.55



Imagem 15.

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6798>



Imagem 16.

Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/>

Com as incertezas vividas no novo Brasil, surgiu a necessidade de buscar suporte através da imigração italiana, a atitude do imperador, foi trazer trabalhadores qualificados para auxiliar na formação do país que, para além de uma contribuição profissional, cada um ainda contribuía com seus dons musicais, trazendo consigo os instrumentos que dariam suporte a cultura brasileira, vemos com isso, o quanto o casal foi responsável por realizar um intercâmbio muito forte entre Brasil e Itália.

Desde muito jovem, Teresa Cristina tinha gosto pelas belezas artísticas, vocação para o canto e o piano, estudava francês, além de uma severa educação religiosa. Teresa Cristina fez parte da história do Brasil, foi uma mulher bem a frente de seu tempo comparando com a vida feminina do século XIX, era culta, discreta, “foi conselheira de seu marido na área da música”³³. A agenda cultural do casal imperial era vasta conforme está registado em seus diários, incluía espetáculos, óperas, artistas italianos de todo o tipo, faziam parte da vida do casal, Teresa Cristina foi “uma importante figura no Segundo Reinado cujo legado cultural e científico ao Brasil encontrava-se obscurecido”³⁴.

Seu conhecimento e interesse em arqueologia eram bem definidos, pois, havia a dedicação de seus antepassados em escavações arqueológicas, além disso, Teresa Cristina já colecionava um pouco dessa arte e, ao seguir para o Brasil, levou em sua bagagem, alguns dos objetos que tinha oriundos de escavações em suas terras, servindo como parte de seu dote do casamento com D. Pedro II, no tocante à arqueologia, “Teresa Cristina inspirou as primeiras pesquisas” em solo brasileiro³⁵.

Além de contribuir para o património cultural do Brasil, terra que a imperatriz adotou como sua pátria amada, enquanto tinha contato com seu irmão Ferdinando II, ela também patrocinou escavações nas redondezas de Roma, e estabeleceu um importante intercâmbio entre os dois países, explorando as terras das cidades de Herculano e Pompeia, localizadas ao sul da Itália, cidades que foram *soterradas* após a erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79 d.C. “A troca entre Itália e Brasil começou em 1856, com a chegada ao Rio de um número consistente de objetos”³⁶.

Rodeada de pessoas com os mesmos objetivos intelectuais, não podia faltar um marido que também tivesse o mesmo interesse. D. Pedro II era apaixonado por viagens e pelas culturas, com isso, o casal viajava juntos aproveitando as oportunidades de conhecer as diversidades

33 Aniello Angelo Avella, 2014, p.16

34 Aniello Angelo Avella, 2014, p.16

35 Aniello Angelo Avella, 2014, p.16

36 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 115

culturais pelo mundo, além de adquirir muitas fotografias por onde passavam. O imperador tinha também o hábito de contratar profissionais da área para os registos importantes, além do mais, muitas das fotografias eram tiradas por pessoas, que à época, recebiam o título de “Fotógrafo oficial da Casa Imperial”³⁷.

A imagem do imperador estava sempre ligada aos eventos culturais, costumava abrir os salões literários no Palácio da Quinta da Boa Vista, ia a óperas, dedicava-se também aos estudos da astronomia, engenharia, medicina, hebraico e à tradução de textos clássicos, se interessou em aprender o tupi e o guarani, demonstrava alto envolvimento com a cultura do Brasil e do mundo. “D. Pedro II foi sempre um dos mais assíduos frequentadores” do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil³⁸.

O Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), foi fundado em 1838, com atividades múltiplas à disposição do público, como museológica, arquivística e pesquisa em diversas áreas. O imperador D. Pedro II foi tido como patrono do IHGB, sendo considerado “Protetor” da instituição, financiou projetos de pesquisa de documentos relevantes à história do Brasil, tanto no país como no exterior, se interessava muito pelas pesquisas de etnografia e linguística americana, ajudou pesquisadores de diversas áreas como von Martius, médico, botânico e antropólogo alemão que morou o Brasil por um curto período de três anos, mas foi um dos envolvidos na maior expedição científica de exploração da fauna brasileira, além de patrocinar outros cientistas que viveram no país³⁹.

O envolvimento de D. Pedro II no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil era de profundo apego, tanto que cedeu uma sala no Paço Imperial, para ser cede do instituto, fazendo parte dele nos anos 1849 até 1889, quando por motivo de força maior, foi preciso interromper sua vida no Brasil retornando à Europa em exílio⁴⁰.

O casal de imperadores não aceitava a utilização de dinheiro público para o custeio de suas viagens, a simplicidade e o interesse em fazer pelo povo falavam mais alto, numa longa viagem com duração de 10 meses, visitaram Pompeia e Egito, um dos sítios usados para as escavações comandadas pela imperatriz e seu irmão, considerados hoje pela Unesco, património mundial. No ano 79 d.c, a cidade de Pompeia foi destruída pelo vulcão Vesúvio, soterrando toda a cidade e matando a população, o local é hoje, um dos pontos turísticos de interesse arqueológico

37 Aniello Angelo Avella, 2014, p.93

38 Laurentino Gomes, 2015, p.94

39 <https://www.ihgb.org.br/>

40 <https://www.ihgb.org.br/component/finder/search.html?q=d+pedro+II&Itemid=148>

com mais visitação. O registo de importantes imagens do século XIX, estão disponíveis digitalmente para o público através de <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2017/10/bndigital-abre-exposicao-virtual-uma-viagem-ao-mundo>.

No século XVIII, as escavações começaram em Pompeia, atraindo mais ainda a atenção da imperatriz, levando-a a contribuir com o acervo existente no Brasil, como é o exemplo da coleção Greco-Romana pertencente ao Museu Nacional do RJ, composta por mais de 700 peças, fruto do fascínio de Teresa Cristina e de seu interesse em realizar um intercâmbio cultural entre os dois países. “Graças a Teresa Cristina, o Brasil possui a maior coleção de arqueologia clássica da América Latina”⁴¹.

Peça encontrada em escavações realizadas em Veio, cálice de estilo oriental, de cerâmica negra, sua origem e produção data de 650 a.c.



Imagem 17.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arqmed003.html>

41 Aniello Angelo Avella, 2014, p.116



Imagem 18

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arqcm009.html>

“Estatua feminina feita em mármore branco, possui 60 cm e foi encontrada nas escavações feitas por conta de Teresa Cristina em 1853”⁴².



Imagem 19.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arqcm014.html>

42 Aniello Angelo Avella, 2014, p.116

A peça torso nu encontrada nas escavações de Veio em 1853, possui 15,5 cm, estatueta de vênus em alabastro⁴³.



Imagem 20.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arcqmed014.html>



Imagem 21.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arcqmed014.html>



Imagem 22

Fonte: <https://ufrj.br/noticia/2016/03/29/exposi-o-tem-parte-do-acervo-arqueol-gico-da-imperatriz>

43 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 116

A “**Coleção Greco-Romana**” trazida da Itália por Teresa Cristina, para fazer parte do acervo cultural do Brasil, mostra a presença da arqueologia e a ligação Brasil-Itália. Localizado no bairro de São Cristóvão, antiga residência família imperial, o Museu Nacional “tornou-se o maior museu de história natural e de antropologia da América Latina”⁴⁴. Um incêndio acidental ocorrido no ano de 2018, levou o Brasil a uma perda irreparável, o prejuízo do acervo perdido será incontável para a cultura brasileira, tendo em vista os anos de sua existência, a sua origem e o esforço da imperatriz para presentear o Brasil com todos os objetos.

No ano de 1840, a Imperatriz recebeu de herança de sua tia Maria Cristina de Bourbon, uma propriedade onde as escavações eram realizadas, e ocorriam em duas áreas: “Isola Farnese e Vaccareccia, antiga Veio, cuja história é de considerável interesse para a arqueologia”⁴⁵. Dentre as peças encontradas nos sítios romanos, está o busto de Antinoo⁴⁶, uma escultura em mármore grego, pouco maior que o tamanho natural, com coroa de pâmpanos em volta dos cabelos, pertencente hoje à Academia de Belas Artes, localizada no centro do Rio de Janeiro.

Roma, 9 de julho de 1878

Examinei o busto, ao qual se refere o Ofício da V.Ex. a anotado à margem, no seu atual lugar de depósito com o Sr Sili de Campagnano domiciliado no vicolo del Mortaro N. 3. o busto é feito em mármore grego, pouco maior do que o tamanho natural, e representa a efígie de Antinoo, com atributos de Baco Jovem, com coroa de pâmpanos em volta dos cabelos, e nébride sobre as costas. A conservação do mármore seria perfeita, se o longo período abaixo da terra não o tivesse corroído um tanto a superfície. O busto foi encontrado por acaso por um agricultor arando o terreno, fora da área de Veios, município romano, do lado de tramontana. O agricultor entregou-o a Sili, o locatário do terreno. A questão pendente agora é se Sili deverá entregá-lo ao Marques Ferraioli, enfiteuta, ou ao representante da Imperatriz do Brasil, proprietária da área. Junto com o busto voltou à luz o plinto de uma estatueta viril em mármore, de 2/5 aproximadamente do tamanho natural, com parte inferior das pernas de alguns fragmentos do busto. O representante da Imperatriz do Brasil enviou logo uma pessoa competente ao lugar, para tomar as notas e as informações necessárias a fim de examinar o lugar do descobrimento na estação oportuna.

*O Chefe de serviço
R. Lanciani*

44 Aniello Angelo Avella, 2014, p.26

45 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 104

46 Aniello Angelo Avella, 2014, p.118

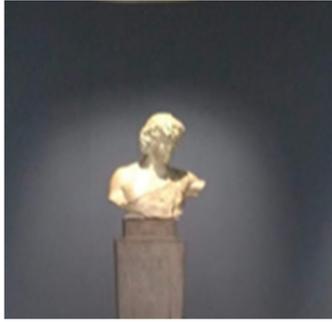


Imagem 23. Busto de Antínoo.
Fonte: Foto do autor, ano 2018.

O contato entre os irmãos com o mesmo interesse pela arqueologia durou por anos, quando em 1856, Ferdinando faleceu, deixando um grande buraco na vida da imperatriz, que mesmo estando distante da família e da sua terra natal, tinha em seu irmão um grande companheiro que nem a separação do oceano atlântico, foi capaz de impedir o afeto e o amor pela cultura entre ambos. Foi Ferdinando quem deu “prosseguimento as escavações de Pompeia e Herculano começados na segunda metade do século XVIII, enriquecendo a coleção do Museu Bourbonico”⁴⁷.

“Venho, caro Irmão, perguntar-te francamente se não seria possível que tu me mandasses alguns objetos de pompéia e Herculano, ou alguma outra antiguidade para o museu daqui pois isso me foi solicitado e também se tu queres alguma coisa que está no museu daqui, poderiam se fazer algumas trocas. Perdoa-me tamanho distúrbio mas contigo não faço cerimônias e espero que o mesmo tu faças comigo”.

O intercâmbio cultural sempre foi possível graças aos esforços e interesses da imperatriz, suas ações demonstram seu envolvimento com a arqueologia durante uma vida inteira. A arqueologia tornou-se indispensável para a compreensão da sociedade da época, pois, com a ausência de documentação ou até mesmo com o passar do tempo, será através dessa disciplina que a humanidade poderá receber e analisar os objetos de uma civilização passada, fazendo assim, uma leitura do cotidiano dos povos passados e entendendo melhor a herança cultural deixada para todos.

Algumas exposições foram realizadas no Brasil com o objetivo de mostrar ao público a coleção que um dia pertenceu a imperatriz, mais que isso, é uma prova do amor dela pela pátria e pela cultura, o interesse dela em partilhar com o mundo as descobertas que ela dava tanto valor já naquele século tão distante.

47 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 115

Durante uma exposição realizada pela Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, no ano de 2010, em comemoração aos 200 anos da Biblioteca, foi apresentado ao público uma exposição de todo o material, além do mais, “tornou-se o primeiro conjunto documental brasileiro a fazer parte do Registro Internacional da Memória do Mundo da UNESCO, em 2003”. <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/therezaChristina.html> visitado em 10 de outubro de 2019.

No ano de 2016, uma exposição realizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), expôs parte do acervo arqueológico da imperatriz. Peças que ainda não tinham sido vistas pelo público, compunham a exposição em homenagem a esposa do imperador e que tem o nome de: *Teresa Cristina: A Imperatriz Arqueóloga*, a grande responsável pela formação da coleção arqueológica greco-romana mais importante da América do Sul⁴⁸.

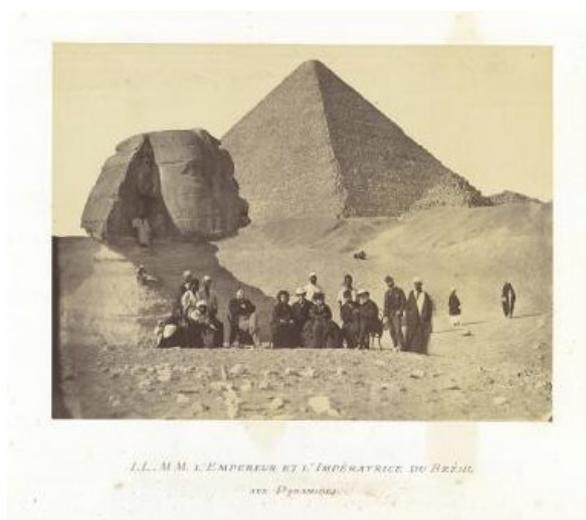


Imagem 24.

Fonte: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2017/10/bndigital-abre-exposicao-virtual-uma-viagem-ao-mundo>

48 <https://ufrj.br/noticia/2016/03/29/exposi-o-tem-parte-do-acervo-arqueol-gico-da-imperatriz>

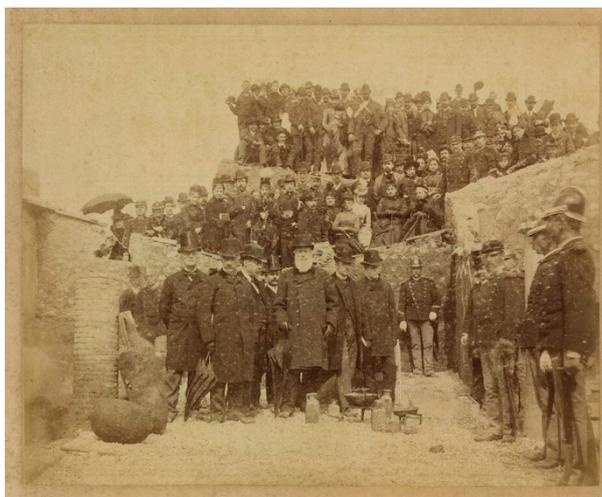


Imagem 25.

Fonte <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2017/10/bndigital-abre-exposicao-virtual-uma-viagem-ao-mundo>

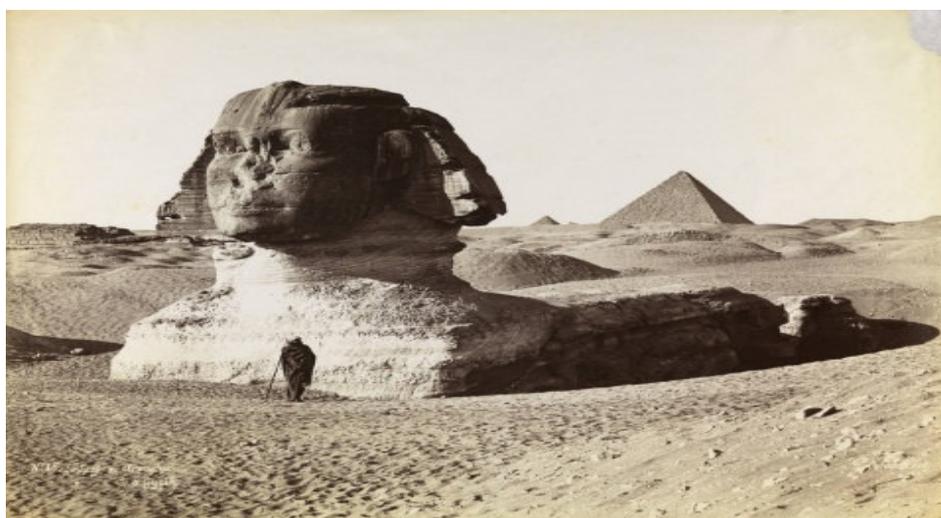


Imagem 26.

Fonte <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2017/10/bndigital-abre-exposicao-virtual-uma-viagem-ao-mundo>



Imagem 27.

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/uma-viagem-ao-mundo-antigo-egito-e-pompeia-nas-fotografias-da-colecao-d-thereza-christina-maria/apresentacao/>

Outra importante exposição realizada no ano de 2017, pela Fundação Biblioteca Nacional, em seu jardim localizado à Rua México no Centro do Rio de Janeiro, com o nome “Uma Viagem

ao Mundo Antigo – Egito e Pompeia nas fotografias da coleção D. Thereza Christina, apresentou aos visitantes, uma autêntica viagem. Além da exposição física, a Fundação disponibilizou uma versão virtual onde todo o acervo pode facilmente ser acessado, até mesmo os que não fizeram parte da exposição realizada, pelo fato de estarem abertas em determinada parte, podendo ser manuseada⁴⁹.

As peças apresentadas ao público, vieram para o Brasil juntamente com a imperatriz como parte de seu dote pelo casamento com o imperador, e do intercâmbio realizado juntamente com seu irmão. Oriundas de Herculano e Pompeia, além de colônias gregas existentes ao sul da Itália, local das terras pertencentes a Teresa Cristina, recebidos de herança de sua tia⁵⁰.

Tendo em vista o interesse voltado para as peças existentes tanto no Brasil quanto na Itália, mesmo após a morte da imperatriz, as negociações continuavam, visando manter vivo o envolvimento de Teresa Cristina com a cultura. No ano de 1890, através de carta enviada a D. Pedro II, o professor Luigi Pigorini, à época Diretor do Museu Preistorico-Etnográfico, pediu que as últimas escavações nos terrenos de Veio na Itália, fossem doados ao Museu, para compor o arquivo já existente, tendo em vista a importância do material e o risco de se perderem por não serem conservados corretamente.

A época, D. Pedro II já estava exilado na França, mesmo assim, negou o pedido ao diretor do museu. Em resposta a carta do diretor, D. Pedro II enviou-lhe uma carta informando que pelo amor ao Brasil, não enviaria o material arqueológico para a Itália, e encerra a carta com os mais nobres sentimentos, agradecendo que o professor acredite na sinceridade das palavras escritas. As cartas trocadas e citadas abaixo, fazem parte do arquivo do Museu Imperial, localizado em Petrópolis – RJ, maço CCII, 9177. E foram publicadas por Delpino no ano de 1999, conforme consta no livro editado pelo professor Aniello Angelo⁵¹.

Majestade,
A memória da honra que Vossa Majestade me fez, seja visitando, seja encomiando o Museu que dirijo, seja com o pedido de minhas publicações, me dá a coragem de exprimir-lhe um desejo, e tenho fé que Vossa Majestade se digne a perdoar-me a franqueza, com a qual lhe falo. As últimas escavações de Veio produziram um importante material arqueológico de tempos históricos, de considerável valor comercial. Com essas mesmas escavações, em alguns poucos e pobres lóculos, descobriu-se também um material pré-histórico, que, tanto por sua escassez quanto por sua pobreza, não vale no mercado poucas centenas de liras. Vendendo-o aconteceria com certeza que somente pouquíssimas coisas seriam conservadas, e o restante seria descartado. Para

49 <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2017/10/bndigital-abre-exposicao-virtual-uma-viagem-ao-mundo>

50 <https://ufrj.br/noticia/2016/03/29/exposi-o-tem-parte-do-acervo-arqueol-gico-da-imperatriz>

51 Aniello Angelo Avella. 2014, p. 26

que, no interesse da ciência, tal material sem valor comercial não se desperdice, eu ousou fazer um apelo à magnanimidade da Vossa Majestade para que se digne a examinar o caso e ver se não acharia útil dispor uma doação ao Museu confiado aos meus cuidados.

Quando houver por bem Vossa Majestade acolher favoravelmente minha viva mas respeitosa súplica pode estar certo de que os paleontólogos italianos lhe seriam, a par de mim, gratos sem fim. Rogo não me culpar por minha carta e aceitar a homenagem de minha mais alta devoção.

*O Diretor,
Luigi Pigorini⁵²*

A carta enviada pelo Diretor do Museu, datada de 13 de maio de 1890, teve resposta rápida por parte de D. Pedro II, sendo enviada dois dias após, em 15 de maio, mas que não atenderia as expectativas do Diretor em seu pedido.

Senhor,

Agradecendo-a pela carta de 13 de maio, tenho a lástima de responder, com o sentimento que me ditam essas lembranças que o amor pelo Brasil é comparável somente ao que consagro à pátria da minha jamais esquecida esposa, tendo precedência de tempo. Enviarei, portanto, ao Museu do Rio o material arqueológico bem como o pré-histórico encontrado nas escavações, e peço-lhe acreditar na sinceridade de minha forçosa recusa como os meus mais nobres sentimentos.

D. Pedro d'Alcantara⁵³

A doação negada por D. Pedro II dois anos atrás, ocorreu em 23 de junho de 1892, quando os netos de Teresa Cristina, “contradizendo a decisão do avô”⁵⁴ já falecido, decidiram fazer a doação ao Museu, por acreditarem que a vontade de Teresa Cristina seria assim, conforme escreveu o Diretor do Museu.

“Roma, 23 de junho 1892

Após V.Ex.a, com carta de Gabinete ao ch. Conde Francesco Vespignani aceitar as antiguidades escavadas em Veio por ordem da defunta Imperatriz do Brasil e doadas a este Instituto das Ss. Aa.os príncipes de Saxa-Coburgo-Gotha, essas antiguidades foram transportadas para cá e, em alguns dias, o que tem mais importância para os estudiosos, será exposto. Uma parte da conspícua doação consiste em quase oitocentos ex-voto, encontrados dentro da cidade de Veios, sumariamente lembrados pelo prof. Lanciani nas Notícias das escavações de 1889, na pagina 64, os quais não convêm às coleções do Instituto que me é confiado. ”

*O Diretor
L. Pigorini⁵⁵*

52 Aniello Angelo Avella, 2014, p.27

53 Aniello Angelo Avella, 2014, p.27

54 Aniello Angelo Avella, 2014, p.114

55 Aniello Angelo Avela, 2014, p.114

Devido ao interesse da imperatriz, o Brasil possui a maior coleção de arqueologia clássica da América Latina, com cerca de setecentas peças. Na bagagem que levou para o Brasil, encontravam-se várias peças provenientes da região da Campânia, na península itálica, que seriam, posteriormente, o núcleo da coleção que recebeu o seu nome, pertencente ao Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Além disso, ela patrocinou escavações nas redondezas de Roma e estabeleceu com seu irmão, Ferdinando II (1810 – 1859) um intercâmbio de antiguidades “provenientes do Museo Real Borbonico”⁵⁶.

4.2. Uma importante mulher na sociedade brasileira e na família

A imperatriz vista por alguns como uma mulher tão silenciosa, nunca deixou sua vida passar em branco, o título recebido como “mãe dos brasileiros”⁵⁷, veio através de suas atitudes que comprovaram ter sido uma mulher forte, uma mulher que abraçou de fato as causas do país, que a havia adotado. No verão de 1855, um surto de cólera afetou o Rio de Janeiro - a cidade dos soberanos. Teresa Cristina encarou a epidemia de forma incansável, permanecendo na cidade para ajudar os doentes da melhor forma possível, enquanto todos que podiam, retiraram-se para Petrópolis, como forma de fuga daquele momento que aterrorizava a cidade. A dor da imperatriz foi tão grande, que não há registros em seu diário do período vivido, como se quisesse apagar qualquer lembrança desse momento doloroso, mas assim como a atitude demonstrada no navio, da grande mulher vinda da Itália, participou até o fim dando suporte aos que necessitavam. “O sofrimento que aquela calamidade pública provocou na soberana, chegava depois de alguns lutos terríveis que a haviam atingido como mãe”⁵⁸.

Após a mudança para a Áustria juntamente com o marido, a filha Leopoldina acometida pela doença do tifo, falece em 5 de março de 1871, com a notícia da perda da filha, tão logo foi possível, o casal embarcou para a Europa, com a finalidade de visitar o local onde Leopoldina estava enterrada, bem como rever os netos e o genro. A viagem pela Europa incluía vários países, o que levaria muito tempo para o regresso ao Brasil, assim, a princesa Isabel assumiu a regência do país no lugar de D. Pedro II. No mesmo período, na ausência dos soberanos, foi promulgada a lei do “*ventre libre*”⁵⁹, um marco no processo da libertação dos escravos no Brasil, que permitiu a liberdade aos filhos nascidos de escravas à época.

56 Aniello Angelo Avella, 2014, p.116

57 Aniello Angelo Avella, 2014, p.133

58 Aniello Angelo Avella, 2014 p.133

59 Aniello Angelo Avella, 2014, p.135

Teresa Cristina tinha registado em seu diário, eventos culturais do seu cotidiano bem como políticos e diplomáticos. Observa-se pelas suas anotações, o interesse contínuo em estabelecer uma relação com o mundo ao seu redor, como se vê no diário datado de 1872, citado pelo autor Aniello Angelo, no livro Teresa Cristina de Bourbon.

“Este ano não começou muito alegre porque desde o dia de ontem começaram as dissensões entre o nosso governo e o ministro inglês Christie por causa da questão do naufrágio do navio mercantil inglês Prince of Whales e também por causa dos oficiais da fragata Forte que foram presos pela polícia na Tijuca pois estavam ébrios e perturbavam a tranquilidade das famílias que estavam lá.”⁶⁰

Nota-se que, seu interesse com o que acontecia no cotidiano do país e fora, era um forte hábito, a imperatriz deixou rastros em seus diários e até hoje estão presentes no Arquivo da Casa Imperial do Brasil, tanto sobre “eventos artísticos como de caráter político e diplomático”⁶¹.

Porém, o que a imperatriz não imaginava, era que os atos do casal imperial em torno dos interesses do país, os levariam ao desagradável momento da Proclamação da República, mais precisamente “brotaria o golpe militar de 15 de novembro de 1889” levando a família ao exílio⁶².

No ano de 1888, com a assinatura da Lei Áurea, os barões do café do Vale do Paraíba, perderam a mão de obra escrava que tocava o negócio cafeeiro, o que pareceu à época uma grande traição por parte da coroa⁶³. Vale mencionar que, no período do império, o negócio mais lucrativos era o tráfico de escravos. Com a perda da mão de obra, os proprietários sentiram-se no direito de receber uma indenização do Estado, isso não aconteceu e ainda deu força para o fim da monarquia.

A força do tráfico de escravos no Brasil surpreendia quem chegava de longe, pois, mesmo contra a vontade de muitos, a escravidão ainda permanecia como mão principal de trabalho em todo o país. Em 1823, D. Pedro I já defendia o fim da escravatura, em documento que é mantido até hoje no “Museu Imperial de Petrópolis”⁶⁴ - RJ. Nele, o imperador propunha que o tráfico negreiro fosse extinto, porém, somente em 1888 seria de fato abolido por completo no Brasil, já que a força dos agricultores foi maior que os interesses de muitos em libertar os escravos.

60 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 85.

61 Aniello Angelo Avella, 2014, p.75

62 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 78

63 Aniello Angelo Avella, 2014, p.77

64 Laurentino Gomes, 1822, 2010, p.222

Com o objetivo de acabar de vez com essa situação no país, foram feitas algumas tentativas ao longo dos anos. Em setembro de 1871, a lei do “Ventre Livre”⁶⁵ daria liberdade a quem nascesse a partir desta data, em 1885, “foi promulgada a lei”⁶⁶ dando liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade, porém, a abolição só aconteceria de fato, em 1888.



Imagem 28.

Fonte: <http://www.arquivonacional.gov.br/ultimas-noticias/2122-lei-aurea-faz-parte-do-acervo-do-arquivo-nacional>

Um ano após o fim da escravidão, os atuais rumos começaram a mudar a situação da família imperial, D. Pedro II já cansado, demonstrava que já não podia controlar com a mesma força, as diversas opiniões vinda de militares, opositores, fazendeiros desgostosos, permitindo que o plano de um golpe pudesse por fim a monarquia em breve.

No Ano de 1889, um golpe militar liderado por Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, bem estudado e elaborado enquanto o imperador estava em sua casa de Petrópolis, colocou fim à monarquia que por séculos dominou o Brasil. No dia 15 de novembro, ocorreu a Proclamação da República, Marechal tornou-se o primeiro Presidente do país, levando a família imperial do Brasil para o exílio na Europa.

No dia seguinte, em 16 de novembro, para evitar manifestações, a família imperial foi obrigada a deixar o Brasil, o embarque aconteceu pela madrugada como se eles tivessem cometido algum crime, Thereza Christina e D. Pedro II, bem como os demais que o seguiram na viagem de volta à Europa, não conseguiram disfarçar a dor e a tristeza de ter que abandonar o país onde viveram por anos, além de uma vida de dedicação à nação brasileira, caminharam em silêncio na escuridão, e poucos minutos depois, um apito anunciava a partida.

65 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 76

66 Aniello Angelo Avella, 2014, p. 76



Imagem 29.

Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/diario-inedito-narra-a-viagem-de-dom-pedro-ii-ao-exilio/>

O golpe de certa forma foi de tamanha dureza que afetou toda a família imperial, Teresa Cristina não conseguindo disfarçar a dor e a tristeza de ter que deixar a sua pátria querida, questionava entre lágrimas, o que eles teriam feito para serem tratados como criminosos, a imperatriz jamais imaginou que sua vida dedicada à realização de ações voltadas ao povo brasileiro, lhe desse um resultado tão impactante negativamente.

A Tribuna Liberal do dia 17 de novembro, noticiou que a população estava de luto, “todos os cidadãos mostram-se acabrunhados pelos últimos acontecimentos”⁶⁷ era de imensa tristeza e consternação o semblante da cidade, o medo tomou conta da vida das pessoas, as tropas corriam o tempo todo pelas ruas perturbando o silêncio. Depois de quase meio século no controle do país, D. Pedro II deixava um legado, um país consolidado, deixou o povo brasileiro com um caminho aberto para seguir rumo ao progresso, rumo as melhorias de condições para toda a população.

Após duas semanas de desembarque em terras portuguesas, muito debilitada, Teresa Cristina escreveu à filha Isabel, que estava morrendo de tristeza e não por doença. Teresa Cristina morreu de ataque cardíaco no dia 28 de dezembro de 1889, no Porto, onde já estava exilada. Em carta à filha princesa Isabel, dizia: “Não morro de moléstia, morro de dor”⁶⁸. D. Pedro II sentiu muita a perda da mulher que por 46 anos, serviu de conselheira, amiga, esposa, mãe dos seus filhos. O maior gesto de D. Pedro II para com a pátria que a ex-imperatriz tanto amou, foi a doação dos livros, documentos, fotografias, para que o povo brasileiro pudesse ter acesso a este tão valioso tesouro, como já mencionado neste trabalho, ganhou o nome de “Dona Thereza

67 Urias Antônio da Silveira, 1890, p.252, <https://archive.org/details/galeriahistorica00silvgoog/page/n251/mode/2up?q=17+de+novembro+a+popula%C3%A7%C3%A3o+estava+de+luto>
68 Aniello Angelo Avella, 2014, p.149

Christina”⁶⁹. O ex-imperador faleceu no exílio em Paris, em 5 de dezembro de 1891, sendo transferido para Lisboa, sepultado ao lado da mulher.

Os restos mortais dos ex-soberanos do Brasil foram transferidos para a pátria amada no ano de 1921, após “a revogação do decreto”⁷⁰, que havia banido a família imperial do país, com o forte apoio do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), tendo em vista as grandes participações do ex-imperador junto à esta tão imponente instituição, nos anos vividos no Brasil.



Imagem 30:

Fonte: <http://www.saber.cultural.nom.br/template/ArteBrasilEspeciais/Catedral-de-Petropolis-1.html>

69 Aniello Angelo Avella, 2014, p.149
70 Aniello Angelo Avella, p.151

CAPÍTULO 5

5.1. A história deixada pela imperatriz

Enquanto o Brasil estava sob o poder da família imperial, a intenção desta, segundo afirmava, era que o país fosse possuidor de um comando baseado no bem para todos, cultura para todos, igualdade para todos. Enfim, tudo o que o imperador juntamente com a imperatriz conquistava ou conhecia, ele fazia questão de levar ao alcance de todos. Entretanto, com o modelo de novo governo que passaria a atuar no Brasil, após a saída do imperador, a população passaria a ter uma nova condição de vida, e teria de se adaptar a um comando totalmente diferente ao habitual de anos.

O modelo de gestão que D. Pedro II procurou implementar no país, segundo o próprio, era acessível à todos, podendo ser analisadas através das anotações encontradas em seu diário, que indicavam uma característica mais moderadora do que regente. Mesmo as minutas das reuniões do imperador com o conselho de Estado demonstram essa faceta.

“Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu Pai ainda imperasse estaria eu há 11 anos com assento no Senado e teria viajado pelo mundo”. (PEDRO II, d., 1862)⁷¹

O casal imperial durante a gestão do país, colocou em primeiro lugar a disseminação da cultura, mesmo tendo um Brasil com grande parte analfabeta, e os estudos ao alcance de poucos, D. Pedro II e Teresa Cristina faziam questão de embutir na população todo o conhecimento que conseguissem, sabendo da importância que isto traria à nação como um todo.

Com o fim da monarquia e a partida da família imperial, o Brasil herdou um legado cultural infinito, além do volume importantíssimo de material que foi doado ao país após a morte da imperatriz.

O Brasil já sofria com as dificuldades reais da época, por ser um país distante de tudo, com condições financeiras sem perspectivas de chegar à algum lugar, pode-se considerar um país privilegiado por ter recebido por anos, o comando e o afeto de uma família tão dedicada à ordem e ao progresso.

Dando a devida valorização ao que sobrou na história pertencente ao Brasil e à imperatriz, seria de grande valor a multiplicação e disseminação das ações culturais que foram deixadas como

71 In Alessandra Bitencour. O habitus e o habito de D. Pedro II.

herança, permitindo a sociedade absorver tal história como sua, manter viva a memória da imperatriz como um património cultural à disposição de todos.

Se analisarmos tudo que foi deixado de património, temos a disciplina da arqueologia, a fotografia, a música, a arte, um legado cultural infinito incutido na cultura brasileira ao longo da criação e formação do país, uma mistura infinita, graças ao interesse da imperatriz em difundir o património cultural pelo mundo, de forma a passar por cima dos impedimentos daquele século, como por exemplo a longa viagem que separava a Itália do Brasil.

Com o objetivo de explorar o que fora feito por ela no passado, utilizando o que existe físico nos museus e bibliotecas do país, seria muito válido a elaboração de exposições permanentes que pudessem expôr de uma maneira mais abrangente, a vida e as ações da imperatriz tanto no Brasil, quanto em sua terra natal, poderia haver uma parceria com as escolas, tendo como objetivo, incluir nos ensinamentos da história do país, tudo que fez parte da construção do povo brasileiro, constando desde os anos iniciais da educação, compondo desta maneira, os ensinamentos sobre a história do país.

A possibilidade de abrir espaço para que todos possam ter acesso ao património deixado pela família imperial, depende dos esforços do povo brasileiro, tanto dos que possuem o poder de salvaguardar os acervos, quanto dos que se interessam em conhecer a história da origem do país, objetivando alcançar mais conhecimento e envolvimento com a herança cultural deixada pela família imperial.

A imperatriz juntamente com D. Pedro II, fazia questão de trazer aos olhos da nação brasileira, objetos, história, cultura de um povo distante, que sem interesse algum, o casal fazia pela pátria amada, objetivando unicamente a disseminação, o conhecimento, o envolvimento de um país tão distante com a Europa, as viagens realizadas pelo casal sempre com objetivo cultural, agregava valores incontáveis ao povo brasileiro.

Teresa Cristina contribuiu com a sociedade ao transmitir os conhecimentos adquiridos durante as suas viagens, a imperatriz tornou-se um grande exemplo em diversos sentidos, demonstrando que era possível expandir a cultura mesmo em um país em construção como o Brasil, mesmo em um século onde a mulher ainda não tinha o poder de se expressar tão livremente, ser ouvida ou até mesmo ser vista como tomadora de decisões.

Além de seu interesse intelectual, a imperatriz tinha interesse em partilhar, dividir com todos o conhecimento que alcançava, envolver o seu país materno com o país que ela adotara como sua terra, e vemos no final da vida de D. Pedro II, que mesmo ele negando a doação

solicitada por Luigi Pigorine, como citado na página 46, os netos o fizeram após sua morte, entendendo que este seria um interesse de Teresa Cristina, em envolver as duas nações com a cultura deixada por ela, já que para a imperatriz, o envolvimento da cultura com a sociedade era de grande importância para a humanidade.

Ao longo dos anos, para dar visibilidade as mulheres, diversos autores de alguma forma, tentaram dar voz a este público feminino, abrindo caminho para que fosse possível a evolução deste ser, capaz de somar à sociedade como um todo, deixando seu fruto e sua herança cultural, provando que tem um valor para a contribuição da sociedade.

Hoje, vemos na sociedade que a mulher soube ocupar um espaço como educadora, escritora, política, gestora, dentre muitos outros cargos, mostrando que sempre foi apta a tomar decisões, auxiliar, gerir, liderar independente de qualquer dificuldade.

É gratificante saber que a contribuição cultural de Teresa Cristina na sociedade brasileira, traz muito ensinamento, fortalece, incentiva e envolve até os dias atuais, aqueles que buscam na história os rastros do período vivido no Brasil imperial. Importa destacar que ela contribuiu para que a história do povo brasileiro pudesse atravessar fronteiras, séculos, e hoje estar presente aos olhos de quem quiser conhecer o legado cultural deixado por Teresa Cristina.

5.2. Ausência de iniciativas pelo patrimônio cultural brasileiro

Teresa Cristina soube buscar e partilhar a cultura que ela teve acesso e que naturalmente fez parte de sua vida. Como já referido, conseguiu trazer para a cultura brasileira por exemplo, temáticas importantes como a arqueologia, a fotografia além de obras importantes que fazem parte da história vivida por ela, e pela família real durante anos no Brasil. Entretanto, não conseguiu expandir e explorar em grande volume o patrimônio cultural brasileiro, tanto para difundi-lo internamente como fora do país.

A imperatriz tinha conhecimentos e facilidades de explorar uma parte da cultura do Brasil, tanto que fez um intercâmbio com seu irmão, onde enviou peças indígenas para a Itália e em troca, recebeu peças de escavações dos terrenos oriundos do mesmo país, ampliando a ligação entre as duas nações.

Outro fato importante que ela poderia ter tomado iniciativa, foi de se envolver com o patrimônio cultural brasileiro, de forma a criar ações que levassem o povo a envolver-se totalmente com o seu próprio patrimônio, além de tê-lo feito ser hoje parte da sociedade como um todo, valorizado-o ainda mais. Isso faria com que a sociedade ultrapassasse séculos desenvolvendo a

cultura, ampliando os conhecimentos e disseminando-o pelas novas gerações, inculcando como fator importante para a humanidade, questão que hoje está em uma proporção tão mínima, que não parece ter o devido valor para o país.

O país era distante e mergulhado em sua falta de desenvolvimento, porém, era rico em sua natureza, um fato que a imperatriz podia ter explorado, aproveitando suas habilidades arqueológicas, seus conhecimentos relativos ao mundo exterior e à cultura, suas facilidades financeiras, as descobertas encontradas na nova terra, e ter deixado para o Brasil um legado cultural que aproveitasse muito mais a cultura brasileira, as riquezas do povo e da terra, e que ainda hoje, mantivesse viva suas ações, levando a um desenvolvimento permanente do patrimônio brasileiro.

CAPÍTULO 6

6.1. Considerações finais

Conclui-se, pelos fatos apresentados nesta pesquisa, que a imperatriz contribuiu de uma forma muito particular para a formação cultural do povo brasileiro, estendendo tal contributo aos italianos.

Teresa Cristina esteve presente não somente na vida dos brasileiros em questões culturais, quanto em questões diplomáticas ao lado de D. Pedro II, em prol do melhor para o país e para o seu povo.

A família imperial em todo tempo de permanência no país, pode ser considerada responsável pela formação de um Brasil, que até hoje vive os frutos plantados por longos anos, e que estão presentes no cotidiano do povo brasileiro, quer na cultura, na liberdade do povo escravo, na independência do país, ou na construção de um novo mundo. Não seria possível construir um país sem a contribuição e a sabedoria que existia na mulher de D. Pedro II, muitas vezes responsável por auxiliar com opiniões importantes, nos assuntos que ele deveria administrar.

O legado cultural deixado por ela precisa ser visto como parte do cotidiano dos brasileiros, principalmente se observarmos o fato dela ter introduzido no Brasil a disciplina da arqueologia, a arte da fotografia e a importante mistura cultural, resultante da imigração dos italianos de diversos níveis de conhecimentos e habilidades.

O património cultural presente nas instituições brasileiras, como bibliotecas e museus, está ao alcance de todos através do mundo virtual, onde o acervo existente contribui para a disseminação da cultura por todos os povos. As exposições realizadas, permitem que a população viva o momento em que o casal imperial teve o privilégio de realizar viagens pelo mundo, das quais resultam em um grande património para a cultura brasileira.

O turismo e o património cultural estão cada vez mais em crescimento elevado em todo o mundo. Esta situação resulta da história e do legado deixado pelos povos do passado, e tem um papel importante e bem presente na sociedade atual.

O conceito e âmbito do património cultural de acordo com a *Lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro* nos leva a crer que além do importante papel, deve ainda ser *“objecto de especial protecção e valorização”*.

1 – Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de

*especial protecção e valorização. (Diário da República I Série-A N.º 209
– 8 de Setembro de 2001 – pp 5808).*

O acervo pertencente a Teresa Cristina, onde relata os caminhos trilhados por ela nos anos vividos no Brasil, encontra-se disponível em <https://www.bn.gov.br/>, mantendo viva a memória de uma grande mulher para a sociedade brasileira, levando o mundo a conhecer a importante vida da imperatriz do Brasil, a mulher que esteve por anos incutindo no país e no povo brasileiro, a importância que tem o património cultural para a humanidade, mostrando que todos podem disseminar a cultura, valorizando ainda mais, o que os povos passados deixaram para os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Crsitina de Bourbon: Uma imperatriz napolitana nos trópicos 1843-1889. Rio de Janeiro. Ed UERJ. 2014. ISBN 978-65-8794-957-4
- BONES, Elmar. A espada de Floriano. Porto Alegre. Editora Já Editores. 2000. ISBN 9788587270153
- COSTA, Emilia Viotti da. Da Monarquia a República: momentos decisivos - 6.ed. - São Paulo, Fundação Editora da UNESP. 1999. ISBN 85-7139-232-3.
- ENDERS, Armelle. A História do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Gryphus Editora. 2015. ISBN 9788583110309
- GOMES, Amanda M. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro,ISSN vol. 21,nº 42, julho-dezembro de 2008,(284-302).
- GOMES, Laurentino. 1822 – Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para não resultar. Porto. Porto Editora. 2010. ISBN 9789720043146.
- GOMES, Laurentino. 1889 – Como um Imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da monarquia e a proclamação da República no Brasil. Porto. Porto Editora. 2015. ISBN 9789720047182.
- LOPES, Myriam Bahia. O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920- Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz. 2000. ISBN 85-85676-60-4
- MONTEIRO, Tobias. História do Império: O Primeiro Reinado. Belo Horizonte. Editora Itatiaia. 1982. ISBN 1580104145399
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. As Barbas do Imperador. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 1998. ISBN 9788571648371.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Império em Procissão – Ritos e símbolos do Segundo Reinado. São Paulo. Editora Zahar. 2001. ISBN 9788571105805
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Brasil: Uma Biografia/ Lilia Schwartz e Heloísa Murgel Starling _ 1 ed. Sao Paulo. Editora Temas e Debates. 2015. ISBN 9789896443351
- SILVEIRA, Urias António. Galeria Histórica da Revolução Brasileira. Rio de Janeiro Editora Laemmert, 1890.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. A Independência do Brasil na Bahia. Bahia: Editora EDUFBA, 2005. ISBN 9788523209018

Referencias Digitais

- <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/uma-viagem-ao-mundo-antigo-egito-e-pompeia-nas-fotografias-da-colecao-d-thereza-christina-maria/>
- <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/therezaChristina.html>
- <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6798>
- <http://museuimperial.museus.gov.br/diario-d-pedro-ii/5486-03-07-1876.html>
- <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1025-mostra-130-anos-da-abolicao-da-escravatura-segue-aberta-ao-publico-ate-junho>
- <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,imperatriz-arqueologa-e-revelada-em-exposicao,10000023937>
- <https://diariodorio.com/historia-dos-bondes-no-rio-de-janeiro/>
- <https://oglobo.globo.com/rio/quase-metade-das-colecoes-do-museu-nacional-foi-danificada-em-incendio-23910979>
- <https://ufrj.br/noticia/2016/03/29/exposi-o-tem-parte-do-acervo-arqueol-gico-da-imperatriz>
- <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46995817>
- <https://www.bn.gov.br/acontece/exposicoes/2017/11/exposicao-uma-viagem-ao-mundo-antigo-mostra>
- <https://www.bn.gov.br/explore/colecoes>
- <https://www.bn.gov.br/explore/colecoes/thereza-christina-maria>
- <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19815/portrait-de-limperatrice-du-bresil-tereza-cristina>
- <https://www.ihgb.org.br/ihgb/historico.html>